



ESTRATÉGIAS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EFICIENTE

Paula Pereira dos Santos
paulapsantos32@gmail.com

PIXABAY.COM

Palavras-chave: Formação; Professor; Ensino; Aprendizagem

RESUMO

Este artigo aborda uma temática extremamente discutida, contudo muito polemica e controversa, uma vez que por mais que se explique sobre ela, mais temos vertentes que se contrapõem e que esbarram em um paradoxo que insiste em culpabilizar sempre um dos lados da relação, sendo esses lados professor/aluno.

Abordar a temática sobre uma prática pedagógica eficiente para muitos profissionais da educação pode parecer insulto ou até mesmo interferência em sua liberdade de cátedra, contudo está cada vez mais latente a necessidade de um estudo concreto e sólido sobre as novas exigências e anseios das novas gerações, não dá para esperar “ensinar” atualmente da mesma maneira que se fazia há décadas e esperar que o aluno se comporte e aceite da mesma maneira.

Assim o que entra em polemica e em discussão são questões que discutem como conquistar a atenção dos alunos e aumentar o rendimento em sala de aula, adotando de maneira flexível, consciente, prática e correlacionada com a atualidade práticas pedagógicas que permitam o efetivo desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Neste artigo o estudo fundamenta-se em torno das práticas que tornam a ação que permeiam o ensino/aprendizagem uma atuação mais eficiente, respeitando é claro a liberdade de cátedra de cada profissional e os encaminhamentos selecionados em sua atuação.

Não se intenciona com esse estudo, formular receitas tampouco ditar métodos de ensino, busca-se uma reflexão sobre a prática pedagógica, que por mais que se haja bagagem (quando se pensa em anos de atuação, quantidade de cursos ou instituições de formação) é sempre necessária uma reflexão e porque não dizer, transformações no que concerne a prática escolhida.

O estudante do século XXI não é mais o receptor, a tábua rasa, nem o vasinho de plantas que o professor vem para passar, escrever ou adubar conteúdos. Não dá para esperar uma sala inerte, silenciosa e acrílica para as informações e discussões iniciadas pelo professor. O estudante hoje é o protagonista da busca e construção do conhecimento.

O acesso a informação, o dinamismo e a perspectiva em relação a educação mudou e todos que estão envolvidos com ela precisam adequar-se a essas

alterações, e quando se fala todos, refere-se desde a formação do profissional, isto é, desde a faculdade, até o perfil e a atuação do profissional que atua em sala de aula, seja esse profissional novato ou veterano.

Esta pesquisa está fundamentada em estudos já existente, por estudiosos que abordam a questão pedagógica em seus estudos, sendo eles Cunha (1992), Bolzan (2009), Gil (2005) e o mestre de todos, Freire (2002).

As leituras revelaram a necessidade do repensar a prática pedagógica não por que a modernidade exige, mas, pois sem esse repensar a lacuna entre ensinar e aprender estará cada vez maior, assim como a relação professor/aluno. Vista essa necessidade uma questão se faz latente em toda construção dessa pesquisa:

Se não há receitas prontas para favorecer e facilitar as relações de ensino e aprendizagem, como auxiliar o aluno e possibilitar a aprendizagem dentro das escolas na atualidade?

Esse estudo intenciona esclarecer alguns quesitos fundamentais:

- Deixar o aluno no centro do processo educativo;
- Promover um espaço interativo, com troca de conhecimentos;
- Dar voz para esses indivíduos;
- Colocar o aluno na posição de transformador ou agente da própria história.

Quando o aluno é visto como um ser ímpar, e sua especificidade é respeitada é possível dizer que o processo educativo passa a ser visto com um olhar mais humanizado, mais coerente com a atualidade e, portanto mais possível de dar certo. Para isso é preciso uma variedade no que concernem as práticas pedagógicas, relacionando assim os mais variados contextos e concepções.

DESENVOLVIMENTO

Acreditamos que o processo de reflexão compartilhada alicerçada sobre o fazer pedagógico é fundamental, na medida em que possibilita a ativação do pensamento docente. Essa possibilidade de reflexão permite a tessitura de ideários que vão se redesenhando de forma compartilhada, criando-se uma rede de interações que vai sendo produzida, à medida que os participantes desse processo têm a oportunidade de confrontarem seus saberes e seus fazeres, favorecendo assim, o processo de aprender a ser professor. (Bolzan e Powaczuk 2009).

O estudo em torno da didática e docência sempre foi

alvo de muitas discussões, discordâncias e um imenso mar de dúvidas e indecisões. O presente artigo apresenta por meio de uma maneira simples e sintetizada, alguns desafios enfrentados pelos profissionais docentes, bem como apresenta algumas propostas que corroboram para uma boa docência e para uma relação entre conhecimento e prática, buscando assim o despertar do interesse dos alunos, independentemente do nível escolar que ele se encontra, e, conseqüentemente, um maior sucesso e aplicabilidade profissional.

O ensino somente será visto como significativo caso haja uma mudança no olhar que compete a parte de aprendizagem, docência, ensino e meios adotados para construção do conhecimento. Algumas práticas são primordiais para a mudança e, portanto, para a conquista de um aprendizado real e significativo, tais como:

Interação comunicativa – é importantíssimo que o docente propicie momentos de interação entre o conhecimento trazido para sala de aula e o conhecimento trazido pelos alunos, não é mais admissível uma aula unilateral, em que o professor seja o único discursista. A troca se faz necessária em diversos âmbitos, essencialmente na construção da aprendizagem, respeitar o pensamento, a fala e as dúvidas do outro, é contexto essencial para que a interação aconteça e o ensino assim não fique engessado.

Relação democrática – como já dito anteriormente, não existe aprendizagem de uma forma unilateral, o professor pode ser até o que conhece mais a respeito de um determinado assunto, no entanto, ele não é o único detentor do conhecimento, logo é preciso saber por parte do docente, quais os conhecimentos trazidos para sala e quais são úteis na relação estabelecida em sala, propiciando assim a relação democrática.

Autoridade dosada – assim como a relação democrática é essencial para possibilitar momentos de troca e construção, a autoridade, por parte do docente, é necessária para conduzir a aula e configurar a formação organizada e construtiva do conhecimento. A postura do professor tem muito a oferecer aos alunos, logo, quando se usa o termo autoridade, não se quer focar no autoritarismo, em que o docente é o único que detém o conhecimento, é o único que fala e o único que decide. A autoridade revela-se ao fato de como o docente administrará o tempo da aula, as exigências do curso, os trabalhos a serem entregues e até mesmo no compromisso que deve ser assumido pelos alunos.

Atividades práticas – a correlação entre teoria e prática, sem dúvida alguma, é a maneira mais realista de se compreender o conteúdo que se intenciona desenvolver. É sabido que não são todos os conteúdos que são possíveis transpor para prática, contudo, passar o curso, sem fazer relação

nenhuma com a atuação real, torna o ensino enfadonho, distante do concreto, conseqüentemente, com a assimilação mais distante ou até mesmo impossível.

Dinamismo didático – a organização didática e a rotina de aulas é muito importante para a organização do aluno no que corresponde a parte de assimilar os conceitos e se preparar previamente para o que vai ser desenvolvido na aula, contudo o professor universitário não pode usar dessa rotina como uma forma engessada de ministrar suas aulas, a variedade didática, permite ao aluno compreender sobre diferentes modos de falar, variados pontos de vista e na dinâmica da aula conteúdos que para ele ou para outro não esteja tão claro. Ficar com a mesma didática em todos os momentos, torna a aula cansativa e pouco atrativa, principalmente, nos tempos atuais em que o dinamismo é tão intenso.

Professor pesquisador – como os bancos universitários são formados por adultos, muitas vezes, esses não exigem mais do seu professor do que a prática de repassar os conteúdos a serem desenvolvidos em aula, assim se faz necessário que o professor universitário busque novas didáticas, novos conhecimentos, para dar corpo a aula e dinamismo ao conteúdo a ser ministrado, distanciando assim do preceito de que o professor é o detentor do conhecimento, mas sim aquele que busca, algumas vezes até, junto com seus alunos, a forma melhor de se adquirir um conceito.

Facilitadores de aprendizagem – o professor universitário precisa instigar seus alunos a indagar, expressar, buscar novas formas de conhecimento, possibilitando assim que eles sejam os agentes centrais do processo educativo, afastando de vez, a concepção errônea de que o professor é o detentor único do conhecimento. Os avanços tecnológicos e a facilidade de aquisição dele colocam em xeque essa concepção, mas infelizmente, muitos alunos, não usam a tecnologia como forma de aprimoramento intelectual, nesse momento entra o professor com a finalidade de instigar seu aluno a isso.

Quando se há por parte do professor, uma mudança de conduta quando olha para seu aluno, o educador passa de ser a figura central de introdução de conhecimentos e passa a buscar novos questionamentos que encaminhem seus alunos a busca por novas formas de aprender com maior independência.

Há muitas críticas feitas contra aos procedimentos elaborados por professores que dão ênfase ao ensino, o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, os transformam em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vai enchendo os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto

mais se deixarem totalmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (Freire 2002, p.86)

As expectativas educacionais da atualidade acontecem de forma diferenciada de tempos antigos, uma vez que o foco maior é valorizar a aprendizagem dos alunos e não apenas repassar conteúdo sem a menor importância de correlação com a aplicação direta dos mesmos, os discentes, há tempos, não são mais vistos como vasilhas a serem preenchidas.

O professor tem uma função primordial no contexto social, a sua atuação em sala, vai ser predominante frente a formação do estudante, estimulando-o a ser um indivíduo crítico e pesquisador de seu próprio conhecimento ou apenas um repetidor de conceitos feitos, já prontos, que não raciocina, frente as novas descobertas.

Não se quer com o presente exposto, culpabilizar o professor pela não aprendizagem dos alunos, tampouco coloca-lo como algoz, sendo o único responsável pelos insucessos que acontecem dentro dos muros escolares. Muitas são as vertentes que corroboram para esse fatídico quadro. A falta de uma preparação pedagógica específica, voltada aos professores das universidades, sem dúvida, é uma delas, e tem colocado em retrocesso a atuação de muitos estudantes, futuros profissionais da educação. Assim como no ensino básico, muitos professores universitários ensinam da mesma forma como aprenderam, no repassar de conteúdo, e permitem que seus alunos, assim como eles, saiam da universidade apenas com os conceitos teóricos, aprendendo na prática profissional o que foi apenas teórico enquanto estudante.

Entende-se a necessidade latente da busca por si só no aperfeiçoamento profissional e didático por parte do próprio professor, contudo se as instituições não possibilitarem mecanismos para que essa reflexão da prática pedagógica seja desempenhada, pouco se mudará no que consiste a didática de muitos professores, isto é, não basta apenas o professor querer aperfeiçoar-se, buscar novos mecanismos e estratégias para atuar junto as exigências das novas gerações, é necessária uma ação conjunta, um “combo” de ações, iniciada dentro do espaço de formação do profissional em educação, independente de sua especialidade, estender essa variedade para as escolas e outros setores capazes de amparar e orientar também o profissional da educação.

Infelizmente a grande maioria dos professores (independente da sua modalidade de atuação) ainda vê o ensino, principalmente como transmissão de conhecimento, através das aulas expositivas. Alguns estão certamente, atentos às inovações pedagógicas, sobretudo no que se refere à tecnologia, material de ensino. Entretanto, muitos mantêm uma atitude conservadora. Não significa que a maior parte dos professores tenha práticas negligentes quanto à

qualidade do ensino que ministram, mas sabem que, de modo geral, não conseguem muito estímulo na realização de sua capacidade pedagógica.

A preparação do professor universitário ainda é bastante precária. Seguramente a maioria dos professores brasileiros que lecionam em estabelecimentos de ensino superior não passou por qualquer processo sistemático de formação pedagógica. Porém esse cenário vem aos poucos sendo mudado, há estabelecimentos isolados de ensino superior oferecendo cada vez mais cursos de metodologia do ensino superior em nível de especialização. (Gil. 2005. P. 67).

A busca pelo conhecimento é algo que deve vir do próprio indivíduo, contudo o meio é fundamental para essa busca, quanto mais universidades e outros órgãos competentes relacionados a formação do professor incentivarem seus professores a propor uma metodologia mais diversificada, maiores serão as possibilidades de adaptação e escolha por parte dos alunos por essa instituição. Atualmente, como já dito, o avanço tecnológico permite aos alunos uma visão mais abrangente de diferentes conteúdos, assim quanto mais ampla for a visão e o trabalho do professor, maior será a aceitação e o interesse por parte dos alunos, que verão na atitude do professor uma forma abrangente de se assimilar conceitos e transpô-las para a prática.

O primeiro pesquisador, na sala de aula, é o professor que investiga seus próprios alunos. Essa concepção exige que a pesquisa deixe de ser um mito para ser uma prática acessível, em suas proporções, a todo o professor e a todo o aluno. [...] O estudo do professor no seu cotidiano, tendo-o como ser histórico e socialmente contextualizado, pode auxiliar na definição de uma nova ordem pedagógica e na intervenção da realidade no que se refere à sua prática e à sua formação. (CUNHA, 1992, P. 32-33).

A atuação do professor para inserir os alunos na busca pelo conhecimento ultrapassa as questões relacionadas à idade, fator social, econômico, mas também não pode ser desconsiderado, uma vez que esse tripé faz toda diferença em relação a aprendizagem. O incentivo ao pesquisar que vai diferenciar o aluno que vai à instituição para apenas “ganhar” um diploma, daquele em busca de uma formação rumo a construção de seu futuro profissional.

O professor tem papel decisivo nessa forma de olhar o estudo, sendo ele um pesquisador comprovado, seus alunos, podem tê-lo como “espelho”, como agente atuante na busca pelo aprender.

A educação escolar hoje é vista como profissão, sendo necessária formação específica para a execução de tal, e acrescenta-se que sem a constante busca pelo aperfeiçoamento, o conhecimento científico apenas não será o suficiente. É preciso

uma atuação competente dentro do universo profissional, que correlacione os conhecimentos científicos assimilados, a prática profissional construída e desempenhada e a flexibilidade em lidar com os variados conhecimentos e questionamentos que surgem no meio do processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”. (Rubem Alves)

Sem dúvida a educação hoje vive um enorme paradoxo, o acesso à informação é constante, mas o que se fazer com tamanho acesso tem causado grande despreparo e afastamento do que corresponde o aprender. A educação sempre passou por mudanças, a mutação educacional, independente da época sempre causa desconforto e embate de ideias, seja pelas ideias trazidas pelos mais tradicionais ou pelos mais contemporâneos.

Não se há receita pronta, fórmula capaz de resolver todos os entraves, colocar um ponto final em toda discórdia e conciliar aquele que ensina e aquele que aprende, se é que ainda se pode dizer que há essa separação. O estudante atual está engajado e precisa ser estimulado em suas várias facetas, a mudança na visão da relação ensino/ aprendizagem é a primeira e mais necessária mudança a acontecer, além de claro a visão teórica da formação do profissional que estará na linha de frente do processo educativo.

De acordo com a Constituição promulgada em 1988, no seu Artigo 227, É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração e opressão. (BRASIL, 1988, P.148).

É preciso tirar o véu e parar de culpabilizar qualquer que seja a parte envolvida pelo insucesso escolar, todos são corresponsáveis para essa concepção é necessário empoderar todas as partes envolvidas, promovendo a responsabilização de sua atuação frente ao papel educativo, uma maneira para isso é a atuação mais consistente e efetiva de todos os indivíduos frente ao processo de aprendizagem.

Portanto, o que se mais assimila com esse estudo é que a palavra necessária para uma aprendizagem mais eficiente é a interatividade, possibilitando ao professor a construção, por meio da mediação, de aprendizagens a serem despertadas no aluno. O papel de professor não é fácil, não se há receitas

exatas, é como ir para cozinha, sem uma porção de ingredientes e, os que se tem disponíveis serem totalmente desconhecidos, sem receita, sem orientação, com tempo pré-determinado e esperar que desse primeiro encontro saia um esplendoroso banquete. Para tanto é preciso viabilizar entre todos os envolvidos a aprendizagem e ela só será completa quando se romper paradigmas e concepções pré-formadas que engessam e emperram a verdadeira função da escola – viabilizar a aprendizagem de maneira concreta, social, cooperativa, crítica e, sobretudo, transformadora.



Paula Pereira dos Santos
paulapsantos32@gmail.com

Possui formação em Magistério pelo CEFAM/ Itaim Bibi - Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – (2000), graduação em Língua Portuguesa pela Universidade Anhembi Morumbi (2007), e em Pedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba - FALC – (2014), Pós-Graduação/ Lato-Sensu em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – (2010). Atuou por sete anos na Rede Estadual de ensino, e atualmente, leciona na Rede Municipal de Ensino de Itapeccerica da Serra (Educação Infantil) e na Prefeitura de São Paulo (Ensino Fundamental II – Professora de Língua Portuguesa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLZAN, D. P. V.; POWACZUK, A. C. H. Docência Universitária: a construção da professoralidade. Rev. Bras. de Formação de Professores. V.1, n.3, dez. 2009.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 4024/61. Brasília: 1961

BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

CUNHA, Maria Isabel Da. O bom professor e sua prática. Campinas: Papyrus, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GIL, A. Metodologia do Ensino Superior. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

